

Um documento histórico, um guia para a ação do movimento operário

Edmilson Costa*

Ao longo da história escrita da humanidade poucos documentos resistiram tanto ao tempo, mantiveram atualidade tão extraordinária e influenciaram tantas pessoas quanto o *Manifesto do Partido Comunista*, seu nome original. Escrito por dois jovens intelectuais (Marx tinha 29 anos e Engels 27), entre novembro de 1847 e janeiro de 1848, sob encomenda da Liga dos Comunistas, o *Manifesto* se transformaria logo depois na principal plataforma do movimento operário mundial e até hoje continua sendo referência para todos os povos que sonham com um mundo mais fraterno e solidário.

Por que um pequeno livreto continua tão amado e odiado ainda em nossos dias e porque continua tão atual? Primeiro, porque teve a capacidade de sistematizar o pensamento revolucionário de sua época, analisando cientificamente o desenvolvimento da humanidade, a formação sócio-econômica do capitalismo e apontando corretamente que a busca de um mundo novo só poderia acontecer através da ruptura radical com a sociedade burguesa e a construção de uma nova institucionalidade verdadeiramente livre, dirigida por aqueles que produzem a riqueza do mundo.

Segundo, porque a burguesia, apesar de rotineiramente decretar a morte do comunismo, sabe ela mesma que seu domínio histórico é transitório e isto a deixa, ao mesmo tempo, insegura e excitada. Dessa forma, se utiliza cotidianamente de todo o aparato da superestrutura para confundir, caluniar e desacreditar as idéias contidas no *Manifesto do Partido Comunista*, como se isto a absolvesse do seu destino histórico. No entanto, por mais que os funcionários do capital e os escribas burgueses embalem a burguesia com cantigas de ninar, prometendo-lhe um domínio eterno, a história teima em demonstrar a fragilidade desse domínio, através das lutas sociais, das crises e do levantamento dos povos contra a opressão.

Terceiro, porque enquanto existir o capitalismo, enquanto as classes dominantes continuarem se apropriando das riquezas produzidas pelos trabalhadores, a luta de classes permanecerá sendo o epicentro do destino da humanidade e o *Manifesto* continuará tão atual quanto o era às vésperas da revolução de 1848 na Europa. Não se trata aqui de uma profissão de fé, mas de avaliar a história da humanidade não de um ponto de vista conjuntural, próprio da pressa pequeno-burguesa, mas através de um movimento maior e mais profundo, compreendendo sua evolução, através da luta renhida ao longo dos tempos, do escravagismo ao trabalho assalariado, até às primeiras experiências, ainda que deformadas, do socialismo, um estágio fundamental para o comunismo previsto por Marx e Engels.

Nestes 150 do *Manifesto do Partido Comunista* é importante não só comemorarmos esse feito histórico dos fundadores do marxismo, mais principalmente é fundamental reafirmarmos os traços fundamentais do Manifesto, as suas perspectivas de classe e sua inconciliável plataforma de ruptura com a ordem burguesa. A apreensão destas características centrais do Manifesto é fundamental para não cairmos prisioneiros das análises de folhetim, do academicismo pretensamente neutro e pedante, ou dos “reformadores” do marxismo, tão à moda nestes tempos de globalização da economia e de dificuldades do movimento operário.

Um dos grandes méritos de Marx e Engels foi estabelecer, logo na *Seção I* do *Manifesto*, uma interpretação materialista da história, rompendo com uma tradição que concebia a história dos povos através de lutas segmentadas, pretextos religiosos ou tribais ou dependente da vontade lideranças individuais, geralmente de reis, nobres, generais, etc. Ao definir que “a história de toda as sociedades até hoje existentes, é a história das lutas de classes”, Marx e Engels estabeleceram uma lei geral para a história da humanidade:

“Homem livre e escravo, patricio e plebeu, senhor feudal e servo, mestre da corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido uma guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que terminou sempre ou por uma transformação revolucionária da sociedade inteira ou pela destruição das classes em conflito”. Os autores identificam que entre as classes fundamentais da sociedade há distintas gradações de segmentos sociais, mas que na época da burguesia

ocorreu, ao mesmo tempo, uma simplificação e uma agudização dos antagonismos de classes, revelando claramente as duas classes opostas – a burguesia e o proletariado.

Os fundadores do marxismo reconhecem que a burguesia desempenhou um papel revolucionário ao liquidar o feudalismo e suas tradições retrógradas e criar uma nova sociedade regida pelas relações monetárias; “Afogou os fervores sagrados da exaltação religiosa, do entusiasmo cavaleiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do calculismo egoísta ... em lugar da exploração dissimulada por ilusões religiosas, a burguesia colocou uma exploração aberta, direta, despudorada e brutal”.

No entanto esse papel revolucionário se esgotou. Da mesma forma que a sociedade feudal, num determinado momento de seu desenvolvimento, passou a se constituir num entrave para o avanço das forças produtivas, processo semelhante também ocorre com a burguesia, pois as forças produtivas extraordinárias que esta desencadeou, maiores mesmo que tudo se produziu em todo o passado histórico da humanidade, estão em constante descompasso com as relações sociais de produção. Ou como dizem Marx e Engels: “Assemelham-se ao feiticeiro que já não pode conter os poderes infernais que desencadeou”.

A expressão mais visível desse processo são as crises cíclicas que atormentam constantemente o modo de produção capitalista. Nestas crises, não é difícil perceber a contradição entre a enorme massa de mercadorias produzidas e sua impossibilidade de realização e, principalmente, a destruição de grande parte das próprias forças produtivas por ela criada. “As forças produtivas não mais favorecem o desenvolvimento das relações burgueses de propriedade. Pelo contrário, tornaram-se poderosas demais para estas condições; passam a ser tolhidas por elas; e assim que se libertam desses entraves lançam na desordem a sociedade inteira e ameaçam a existência da propriedade burguesa. O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para conter as riquezas contidas em seu seio”, ressaltam Marx e Engels.

Esse processo demonstra essencialmente duas tendências no desenvolvimento histórico do modo de produção capitalista: a) o enorme desperdício e destruição de trabalho acumulado em forma de forças produtivas; b) extraordinária capacidade de adaptação e sobrevivência da burguesia. Ou seja, não bastam apenas as crises para que o domínio burguês seja derrotado: geralmente, os segmentos mais poderosos e articulados

com o Estado saem mais fortes dessas crises; além disso, é necessário que a crise se transforme numa situação revolucionária e que desta conjuntura irrompa a revolução, sob o comando do partido do proletariado.

Em outras palavras, a burguesia construiu contra si as próprias armas que utilizou para abater o feudalismo, com uma característica muito singular: criou também um grande exército de proletários que empunham cotidianamente estas armas contra a própria burguesia. Esta nova classe social, que a burguesia juntou em grandes contingentes nas fábricas, não possui nenhum meio de produção: sua única forma de sobrevivência é a venda da força de trabalho, ou seja, a capacidade de trabalhar. Portanto, em sua luta contra a burguesia não tem nada a perder, mas em contrapartida, se lutar, pode ganhar um mundo novo. Nessa trajetória, só é possível se libertar abolindo a propriedade privada. E, ao realizar esta tarefa, está também abolindo a sociedade dividida em classes e inaugurando uma nova etapa na história da humanidade.

Mas o processo de tomada de consciência do proletariado não se dá instantaneamente. Marx e Engels, afirmam no *Manifesto* que esse processo necessita de um longo aprendizado, a ser feito nas batalhas políticas cotidianas que a classe operária realiza contra a burguesia. As primeiras lutas são ainda localizadas, débeis. Posteriormente vão se alastrando por outras fábricas, o operariado vai tomando consciência de sua exploração, formam associações, sindicatos, vão reunindo forças até o momento em que se sentem em condições de realizar a luta aberta contra seu inimigo de classe.

Todavia, esta luta só será vitoriosa se o proletariado estiver constituído o seu partido político, o Partido Comunista, a mais alta expressão da organização da classe operária, o setor mais avançado do movimento operário e aquele que reúne as melhores condições, em termos de compreensão da situação sócio-política e dos objetivos gerais do movimento, para enfrentar vitoriosamente a burguesia e acabar com a propriedade privada dos meios de produção. “O objetivo imediato dos comunistas é o mesmo que todos os demais partidos operários: constituição do proletariado em classe, derrubada da supremacia burguesa e conquista do poder político pelo proletariado”, dizem os autores do *Manifesto*.

Nessa questão, ao contrário dos conciliadores de classe e todo o cortejo de neomarxistas de todos os tempos, os autores do Manifesto não tinham a mínima vacilação: “A revolução comunista é a ruptura mais radical com as relações tradicionais de propriedade ... O proletariado utilizará sua supremacia política para arrancar pouco a pouco todo o capital da burguesia, para centralizar todos os instrumentos de produção nas mãos do Estado, isto é, do proletariado organizado em classe dominante e para aumentar mais rapidamente possível o total das forças produtivas”. Portanto, não há no Manifesto nada que se assemelhe mudanças a conta-gotas, revolução processual ou coisas do gênero, a revolução socialista é a ruptura com a velha ordem e a construção de um mundo novo, onde pela primeira vez na história da humanidade uma classe não poderá explorar outra.

Marx e Engels também estabeleceram a base da solidariedade internacional dos trabalhadores, o internacionalismo proletário, afirmar que os operário não têm pátria, no sentido burguês da palavra, e que, à medida que o proletariado tomar o poder político e se alçar enquanto classe dominante, fará desaparecer a hostilidade e a exploração de uma nação por outra, construindo-se assim as bases para uma convivência pacífica entre todos os povos. “À medida em que for suprimida a exploração do homem pelo homem, será suprimida a exploração de uma nação por outra. Quando os antagonismos de classe, no interior das nações, tiverem desaparecido, desaparecerá também a hostilidade entre as próprias nações”, dizem Marx e Engels.

Ao diagnosticar com maestria os fundamentos gerais do modo de produção capitalista e a maneira como a burguesia foi impondo sua ordem ao mundo, Marx e Engels caracterizaram de maneira tão extraordinária aquele processo de universalização do modo de produção capitalista, que suas palavras soam proféticas nestes tempos atuais de globalização. “Impelida pela necessidade de mercado sempre novos, a burguesia invade todo o globo terrestre. Necessita estabelecer-se, explorar e criar vínculos em toda as partes. Pela exploração do mercado mundial, a burguesia imprime um caráter cosmopolita à produção e ao consumo em todos os países. Para desespero dos reacionários, ela roubou da indústria sua base nacional. As velhas indústrias nacionais foram destruídas e continuam a ser destruídas diariamente. São suplantadas por novas indústrias cuja introdução se torna vital para todas as nações civilizadas – indústrias que

já não empregam matérias-primas nacionais, mas sim matérias-primas oriundas das regiões mais distantes e cujos produtos se consomem não somente no próprio País mas também em todas as partes do mundo”, escrevem Marx e Engels em 1848.

Continuemos a descrição do avanço do capitalismo no mundo e sua relação com a globalização atual, escrito há 150 anos no *Manifesto do Partido Comunista*. “Ao invés das antigas necessidades, satisfeitas pelos produtos nacionais, surgem novas demandas, que reclamam para sua satisfação produtos das regiões mais longínquas e de climas os mais diversos. No lugar do antigo isolamento de regiões e nações auto-suficientes, desenvolve-se um intercâmbio universal e uma universal interdependência das nações ... A estreiteza a unilateralidade nacionais tornaram-se cada vez mais impossíveis”.

Em outras palavras, um século e meio depois de escrito, o *Manifesto do Partido Comunista* continua com impressionante atualidade nos seus princípios básicos. No entanto, os marxistas, para serem coerentes com o próprio método de Marx e Engels, não podem avaliar mecanicamente e nem idolatrar como um livro sagrado o *Manifesto do Partido Comunista*. Os próprios autores reconhecem, no prefácio à edição alemã de 1872, portanto apenas 25 anos depois, que apesar dos princípios gerais manterem sua exatidão, algumas partes desse documento poderiam ser melhoradas, aperfeiçoadas ou atualizadas. No entanto, como o Manifesto se transformou rapidamente num documento histórico, seus autores resolveram não alterá-lo.

Em termos concretos, podemos dizer que a parte referente às medidas revolucionárias, contidas no *Seção II*, tornaram-se bastante desatualizadas em várias de suas partes, em função do próprio desenvolvimento das forças produtivas e da organização do movimento operário. Também merecem reformulações a *Seção III* sobre a literatura socialista e pode ainda ser considerada desatualizada a *Seção IV*, que trata da relação dos comunistas com outros partidos operários da época. Como ressaltam os autores no prefácio à primeira edição, o desenvolvimento histórico fez desaparecer a maior parte daqueles partidos, restando atualmente aos comunistas estabelecerem novas relações com outros setores do movimento operário de acordo com a conjuntura de cada País e o processo de mundialização da economia.

Marx e Engels também imaginavam que o desenvolvimento do capitalismo faria com que a chamada civilização burguesa se espalhasse revolucionariamente por todos os

cantos do mundo. “Com o rápido aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e o constante progresso dos meios de comunicação, a burguesia arrasta para a torrente da civilização todas as nações, mesmo as mais bárbaras ... Em uma palavra (a burguesia) cria um mundo à sua semelhança”. Esse enunciado também não foi confirmado pela vida, pois a grande maioria da humanidade ainda vive no atraso econômico, ou seja, as nações não tiveram o mesmo destino que a Inglaterra, por exemplo, naquela época, ou dos países centrais, atualmente.

Possivelmente, em função da situação revolucionária existente na Europa por ocasião em que escreveram o Manifesto, Marx e Engels imaginavam que a revolução socialista irromperia brevemente pelo mundo, libertando a humanidade do jugo capitalista. Este fato não só não foi confirmado, como também muitas décadas depois, mesmo com o socialismo já implantado em um terço da terra, a burguesia ainda pôde comemorar a desagregação da primeira experiência socialista no Leste Europeu. São lições importantes que mais uma vez reafirmam que o desenvolvimento da história não é linear - mesmo em época de crise e decomposição do capitalismo pode ocorrer avanços e recuos momentâneos na história humana.

Outro enunciado que também não se verificou foi o desaparecimento das camadas médias. Após a segunda revolução industrial e, particularmente, depois da segunda guerra mundial, os países capitalistas centrais, premidos pela crise econômica e pelo pavor diante dos avanços sociais do socialismo real, implantaram políticas keynesianas que contribuíram para consolidar as camadas médias, tendo o setor de serviços se transformado no maior empregador do sistema econômico. Esses são fenômenos que merecem nova compreensão e novas definições sobre o perfil do proletariado moderno e o papel desses novos segmentos na estratégia revolucionária.

Finalmente, é necessário enfatizar que a atual onda neoliberal que grassa pelo mundo atualizou ainda mais alguns aspectos fundamentais do *Manifesto*:

- a) Os colaboradores de classe e os ingênuos, que imaginavam que o capitalismo tinha se civilizado e humanizado com o Estado do Bem Estar Social, devem estar agora bastante desapontados com a atual conjuntura, pois os círculos capitalistas, ao perceberem a conjuntura defensiva do movimento operário, especialmente após à queda do socialismo no Leste Europeu, resolveram tirar

a máscara e expor com rudeza explícita a ferocidade original do capital, demonstrando mais uma vez que Marx e Engels estavam certos ao afirmar que o capital, enquanto tal, não perde a sua essência exploradora.

- b) Essa mesma conjuntura está também mais uma vez colocando na ordem do dia a revolução socialista como a única forma de libertação da humanidade. O fracasso da social-democracia na Europa e a adesão envergonhada ou explícita da maioria dessa corrente às teses neoliberais, não só enterrou as ilusões reformistas, como colocou o socialismo como a alternativa para a emancipação dos povos.

Por tudo isso, o Manifesto do Partido Comunista completa 150 anos ainda muito jovem e com suas idéias fundamentais exibindo uma atualidade fenomenal. Não pode ser encarado como um documento para diletantismo na academia ou como um apelo sentimental à justiça – o *Manifesto do Partido Comunista* é um guia para ação de todos aqueles que não deram adeus ao proletariado e que vêem a construção do comunismo como processo de emancipação da humanidade, “onde o livre desenvolvimento de cada um é pressuposto para o livre desenvolvimento de todos”.

** Doutor em Economia pela Unicamp, ex-diretor da Escola de Sociologia e Política de São Paulo, professor de Economia da mesma instituição e do programa de pós-graduação da Escola Pós-Graduada de Ciência Sociais; autor de O Imperialismo (Global Editora), A política Salarial no Brasil (Boitempo Editorial) e Um projeto para o Brasil (Editora Técnico-Científica).*